

# O Malho

RIO DE JANEIRO, 1 DE JULHO DE 1922

## ENTRE BRASIL E PORTUGAL



**S**ALAR do jacobinismo irritante de meia duzia de desoccupados intellectuaes é traçar a caricatura mais pittoresca do momento social que vamos atravessando na capital da Republica. Jacobinos ha' por ahi, não ha duvida, que vivem noite e dia, numa falsa posição, sem saber o que dizem, porque o que elles allegam, na fama desesperada de demolir, sem atinarem com a reconstrução, é a mais berrante das contradicções com os sentimentos da communhão social.

São, em verdade, rapazes intelligentes. Alguns até se dão ao luxo da erudição e vão, pelas esquinas e peços botequins, a sommar estatisticas apavorantes. No fundo, porém, todo esse fogo de um patriotismo postiço, todo esse acervo de sabença mal adaptada e pessimamente digerida, revela uma prevenção systematica contra o unico povo de quem nos devemos orgulhar de ser irmãos e amigos. O jacobinismo desse grupo saltitante e pouco nocivo, pela sua nulla efficiencia, é exclusivamente voltado contra o portuguez.

Paiz que teve os seus primeiros passos, que precederam a emancipação politica, guiados e colonizados por um povo bravo e civilizador, vivendo, nos dias incertos que sobrevieram á proclamação da sua independencia, da immigração que lhe tem trazido o trabalho fecundo e vital do braço de fóra, era natural que, se nativismo existisse, elle se consubstanciasse numa vigilia incessante contra os elementos estrangeiros aqui infiltrados, sem distincção de raças, nem de origens, não contra um certo e determinado estrangeiro. O portuguez, sendo o menos estrangeiro de todos quantos ás plagas de Santa Cruz aportaram, é, entretanto, o unico visado pela campanha idiota e ridicula.

O chauvinismo, formula precursora disso que ahi está a fermentar e a intrigar, arrastou a Austria de 1864 a Sadowa e a França de 1871 a Sedan. Entre nós está medrando como flór exotica dos pantanos.

Póde-se reafirmar uma verdade historica, sem grandes esforços, apontando a essa gente inconsciente o que tem sido, em resumo, a tradicional amizade politica de Portugal para com o Brasil. A nossa propria separação da Metropole é obra de pura evolução natural, sem revolução, nem rompimento, sem estrequecimentos de ordem geral entre o povo que se declarou maior, em Setembro de 1822, e a mãe patria. O mesmo governo portuguez, a mesma dynastia, tem grande parte no grande e decidido feito. A vinda de D. João VI para a Bahia e, depois, para o Rio de Janeiro, deu ao Brasil a cathogoria de reino, favorecendo com uma série de actos tão importantes a antiga colonia que, de facto, poderia viver unida a Portugal, como viveram a Suecia e a Noruega, a Hungria e a Austria, sem contudo uma depender do outro.

A nossa libertação não soffreu o contra-choque de nenhuma crise economica, como a dos americanos do norte, — que não quizeram pagar um imposto que não haviam votado; — ella foi, póde-se dizer, uma reclamação legitima da nossa propria autonomia ou-

torgada pelo monarcha lusitano que aqui estivera abrigado do flagello napoleonico.

Um povo que assim sãe da tutela do outro, deste não fica inimigo, nem ha prevenção que se justifique. O jacobinismo impenitente, que força por inverter os valores moraes da approximação luso-brasileira, esquece isto e, pelos seus processos, procura lançar entre as duas nacionalidades, que se amam e se fortalecem no auxilio mutuo, essa especie de atrophia da solidariedade ethnica e da consciencia historica da nossa raça, symbolo do maior e do mais perfeito dos desastres com que nos está brindando esse surto de parolice e de desmandos irresponsaveis.

Comprehende-se, afinal de contas, que vivamos dignamente, honradamente e independentemente integrados, num nacionalismo sadio e elevado. O que não se póde é amar a vida, viver, na ampla, forte e significativa expressão da palavra, sem o ideal supremo a que cada um promptamente submeta as suas ambições, riquezas, commodos e regalos da existencia transitoria.

Os que hostilizam Portugal e os portuguezes residentes no Brasil não têm, não poderiam ter o exacto conhecimento do jogo das paixões populares e supõem contentar a opinião publica desta capital, enxovalhando o brio de cerca de trezentos e cincoenta mil lusos, que, numa cidade de pouco mais de um milhão de habitantes, hombream-se conosco e quasi todos são chefes de familias brasileiras. Vejam só o contrasenso.

Aproveitaram elles a hospedagem que dispensamos aos dois gloriosos aviadores, heróes de uma façanha immortal e precursores de remotas e gloriosas conquistas aereas, para denegrir a raça magnanima de onde descendemos, o tronco da nossa origem.

Esses dois marinheiros portuguezes, que são, sem favor nenhum, duas verdadeiras resurreições lendarias d'aquelles varões soberbos que outr'ora dominaram os mares de todos os hemispherios, descobrindo mundos mysteriosos, honrariam qualquer patria a que pertencessem. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a sciencia e a precisão aliadas ao arrojo e á galhardia, embora adjudicados no patrimonio das grandezas lusitanas, não pertencem só a Portugal, porque o renascimento dos povos progressistas os reclamam, para melhor admirar-os pelo que elles, de pratico, realisaram na travessia aerea do Atlantico.

Rendamos a ambos as homenagens a que o povo portuguez tem direito, desde que desempenhou um papel tão notavel ha quinhentos annos, alargando o mappa do globo e escrevendo os *Lusiadas*. O nosso esforço não é diluir, para separar; é intensificar e solidificar a união entre os filhos e os paes. A politica de cohesão entre Portugal e Brasil, politica de sentimento e coração, na phrase incisiva do grande poeta philosopho da Peninsula, Guerra Junqueiro, é a unica que nos convém.

Embora os destinos sejam diferentes, por motivos que seria longo enumerar até com os depoimentos dos estadistas e historiadores de lá e de cá, tudo indica que nunca, como agora, devemos amar cada vez mais o povo a quem estamos ligados por tantos lagos de afinidade.

